

Os Papas Patronos da Santa Igreja Católica

Com o retorno dos Papas a Roma, a partir de 1417, no fim do Grande Cisma, ocorreu ao mesmo tempo em que um dos maiores movimentos culturais, a Renascença, teve seu início e influenciou profundamente a história política da Itália.

No tocante ao pontificado romano, a principal influência deste período foi a progressiva imersão dos papas na violência política da Itália e a participação dos representantes eclesiásticos na Renascença Italiana, atuando como mecenas e patronos das artes.



Como um todo, a mentalidade dos papas foi favorável à nova cultura e às artes, pois isto faria com que o prestígio da Igreja crescesse. Conceitos como “prestígio”, “poder” e “cultura”, tomaram conta do espírito eclesiástico deste período. Humanistas e escritores foram acolhidos pela Cúria, assim como os seus artistas mais expressivos.

Os papas da Renascença, todos pessoas com forte personalidade, focavam grande parte de suas preocupações com questões políticas e artísticas. Eis alguns exemplos:

Nicolau V (1447-1455) transformou a pequena biblioteca pontifícia em uma grande coleção de manuscritos gregos e latinos, primeira etapa do Museu de peças preciosas, curiosas e belas que foi montado nas galerias do Vaticano. Iniciou a reconstrução da Basílica de São Pedro, que tinha sofrido um incêndio, e de toda a cidade de Roma, numa escala de magnificência sem igual. Seus sucessores mudaram os projetos, preferindo construir uma nova Basílica (a atual).

Pio II (1468-1464) foi elegante e douto humanista, excelente na história.

Paulo II (1464-1471) satisfez o povo de Roma com a realização de carnavais e grandes construções públicas.

Sixto IV (1471-1484) construiu a Capela Sistina, decorada pelos gênios da época, como Ghirlandaio, Botticelli, Perugino, entre outros.

Júlio II (1503-1513?), nosso atual Pontífice, é também conhecido como “Marte”, devido a seus dotes guerreiros. Contrariando a lei da Igreja, comanda pessoalmente exércitos no campo de batalha. Suas principais metas são: embelezar Roma e restaurar a autoridade pontifícia nos Estados Pontífices da Igreja, dos quais o Vaticano é o maior deles.

A motivação por trás do Mecenato de Júlio II

Considera-se alguns aspectos sobre a motivação do mecenato de Júlio II. O primeiro ponto de vista mais amplamente aceito é que Júlio era simplesmente um patrono extravagante e com muitos recursos. Ele era impulsionado por motivos puramente egoístas, impondo aspirações, e

objetivando uma auto-imagem grandiosa. A provável razão de todo o seu investimento era que seria uma forma de deixar para sempre a sua marca na Igreja Católica. Muitos argumentam que Júlio estava usando a arte para ampliar ainda mais a influência de seu próprio papado, bem como o papel dos Papas por vir. O papado de Júlio II é frequentemente criticado, pois é um consenso entre historiadores de que almejava a glória pessoal, um reflexo de seus apelidos, "O Papa Guerreiro" e "O Terrível". Homem extremamente orgulhoso e fortemente motivado, aspirava a ser lembrado como um dos maiores papas da história.

A construção da Basílica de São Pedro, a maior catedral do mundo, certamente adicionaria méritos ao seu nome. Outro aspecto egocêntrico de sua personalidade era seu desejo de imitar Júlio César, dando conotações ainda mais negativas a esta análise. Esta conclusão foi tirada a partir da medalha Júlio II tinha feito para São Pedro com ele na parte de trás, bem como o seu nome papal (escolhido por ele mesmo) Outra razão para essas comissões é dito ser uma flagrante tentativa de exibir sua riqueza e da Igreja. Essencialmente, Júlio II estava anunciando a plenitude e a riqueza do catolicismo. Certamente tinha como objetivo ganhar as massas, com obras populistas e grandiosas, que inspiram a inspiração religiosa, a reverência à Igreja e até mesmo medo de seu poder.

Júlio II não era considerado um homem extremamente "religioso", e muitos pensava nele como o oposto. Aos olhos de Júlio, a construção de um grande monumento religioso iria ajudá-lo a provar sua devoção a Deus e à Igreja. Outra motivação para seu patrocínio era para a satisfação de seu próprio prazer estético pessoal.

É preciso considerar que as decisões de patrocínio não eram sempre tomadas individualmente pelo Papa. Havia a influência de grupos trabalhando em conjunto, inclusive de outros artistas, a cúria outros influenciadores. Júlio foi provavelmente um homem que apreciava a arte, e essa motivação foi muito alinhada com suas ambições políticas e de poder.